

SEXUALIDADE HUMANA

considerações pedagógicas

Cenira Ribeiro Silva^(*)

Resumo

Com base em experiências docentes e em informações obtidas através da realização de pesquisas sobre sexualidade humana, neste trabalho, discutem-se conceitos, paradoxos, fenômenos, relações e implicações que se fazem presentes na abordagem da sexualidade como essência da natureza humana. Esta discussão se insere no universo família-escola e permite tecerem-se considerações pedagógicas que apontam para uma possível alternativa de relacionamento integrador dessas instituições como agentes de educação sexual. Finalmente, apresenta-se a sexualidade humana como um fenômeno paradigmático com o qual o educador, necessariamente, se depára e tem que conviver na sua prática pedagógica.

^(*) Professora titular da disciplina de Biologia Educacional, UPF. Mestre em Educação, Saúde e Comunidade pela PUCRS.

1 Introdução

A percepção que os educadores, sejam eles integrantes da família ou da escola, têm de corpo humano implica a visão que possuem de sua sexualidade, da sexualidade de seus educandos e do modelo de educação sexual a ser por eles praticado.

A sexualidade, como energia diferenciada entre homem e mulher, permeia e caracteriza o corpo e a vida de ambos. Assim, ver, sentir e tratar sexualidade humana como apêndice de um corpo-objeto, caracterizado como invólucro do ser, fere os princípios da globalidade e da integridade, componentes naturais da essência humana. Como diz MERLEAU-PONTY (1975), o corpo real é corpo-existência e a sexualidade, intrinsecamente presente nesse corpo, confere-lhe colorido e significado próprios. Assim, educação sexual implica educar para a vivência da sexualidade na convivência e na complementaridade das diferenças homem-mulher.

As dificuldades vividas pelo educador, no que se refere à sexualidade, apresentam-se de natureza muito complexa e suas raízes remontam ao Antigo Testamento. Ali se verifica que a sexualidade humana é tratada, ao mesmo tempo, de uma forma pura, porque criada por Deus para completar o número de eleitos para o reino dos céus, e, de outra, como geradora de pecado, porque envolve a presença e o contato dos corpos do homem e da mulher (DURAN, 1989). Esse fenômeno continua presente na vida das pessoas. Em pesquisa realizada para dissertação de mestrado, na configuração do sistema sexual das mulheres entrevistadas, constatou-se que a maternidade aparece destituída de sexo. Os filhos, para essas mulheres, são percebidos como filhos do espírito, do amor e do coração, mas não como resultados da relação sexual entre homem e mulher.

A vinda de Cristo e seu nascimento na concretude de um corpo sexualizado, através da mulher Maria, trazem em seu bojo a tentativa de resgate da dignidade do ser humano, enquanto corpo-espírito e enquanto homem-mulher. Até mesmo pelos cristãos a mensagem parece não ter sido compreendida ou ter sido esquecida; a humanidade continua dicotomizando sua natureza,

quando interioriza e sufoca seus sentimentos e marginaliza sua corporeidade, provocando sérias implicações para a educação e para a vida das pessoas.

Resgatar o corpo-real do ser humano na sua globalidade e na sua originalidade parece ser a primeira e grande tarefa do educador sexual. Todavia, essa empreitada se apresenta com dificuldades que vão desde lacunas na formação do educador, passam pela presença de sentimentos contraditórios a respeito da sexualidade humana e chegam a questões de ordem administrativa e cultural.

2 Escola e família como agentes de educação sexual

O silêncio da escola e a superficialidade com que tem tratado assuntos relevantes para a vivência sexual de seus alunos é, no mínimo, preocupante e questionador. No momento em que a liberdade sexual, subjacente nos códigos sociais da cultura brasileira, se contrapõe ao perigo da Aids e da gravidez precoce, gerando angústia e insegurança entre os jovens e seus pais, a inexistência de efetivas ações pedagógicas que contemplem o atendimento de tal contexto leva a pensar nos motivos que estariam inibindo os educadores.

A contradição entre os avanços científicos e tecnológicos referentes ao controle da natalidade e o aumento do número de meninas que, mesmo com muito medo da gravidez, engravidam precocemente parecem evidenciar que o medo das mães e da família não se limita à gravidez extraconjugal de suas filhas, mas se caracteriza, também, como medo de saber (HAMACHEK, 1979). A compreensão desse sentimento das pessoas com relação às questões da sexualidade humana requer, entre outras coisas, a contextualização sócio-cultural dessa clientela.

Ter conhecimento sobre sexo, sexualidade, gravidez, menstruação, doenças sexualmente transmissíveis, contraceptivos e outros assuntos ligados ao sexo implica responsabilidades dos sujeitos para com a educação sexual, ou omissão com relação a ela. Por outro lado, enveredar pelo caminho da sexualidade humana significa conviver com a insegurança da existência do ser humano, sendo, portanto, mais cômodo nada saber a seu respeito.

Ao se referir o saber, como um dos fatores intervenientes na efetiva educação sexual, não se está pensando em domínio de conceitos de anatomia ou de fisiologia dos aparelhos genitais de homens e de mulheres. Pensa-se, isto sim, no conhecimento científico, como aquele conhecimento conquistado através da prática e do estudo, como subsídio para uma atitude de educador sexual.

Tem-se acompanhado, como docente das disciplinas de Biologia da Educação e de Prática de Ensino de Biologia, aulas sobre aparelhos reprodutores masculino e feminino teoricamente perfeitas, mas cujo valor para a educação do sujeito vivente é insignificante ou inexpressivo. Não se trata, pois, de dominar conceitos. Fala-se de existência, de valores, de postura diante do fenômeno humano da sexualidade. Mais que desenvolver conteúdos biológicos, é preciso viver com os alunos experiências interdisciplinares de abertura, de diálogo e de descontração que permitam a fala franca e sincera de alunos e professores sobre suas dúvidas e preocupações, valorizando suas vivências sexuais, como suporte para a compreensão da realidade social existente.

A cultura brasileira e as implicações dela decorrentes têm transformado o fenômeno natural e descomplicado da sexualidade humana num problema que envolve estereótipos, tanto de ordem anatomofuncional, como de caráter emocional. O medo parece ser uma constante nessa questão, principalmente no que se refere à mulher. As meninas se atormentam com o desconhecimento do fenômeno da menarca; as mulheres, de uma maneira geral, têm medo de engravidar, de serem abandonadas e, quando fora do casamento, de ficarem *faladas* para sempre. As mães, por sua vez, têm medo de que isso venha a ocorrer com suas filhas.

Por seu lado, os meninos também têm medo do grande desconhecido - a mulher - e de se denunciarem como desconhecedores. Também perturba os adolescentes o temor de não corresponderem ao biótipo e ao desempenho estereotipado de macho bem dotado (LOPES, 1989). A ignorância sobre doenças sexualmente transmissíveis, principalmente sobre a Aids, sobre uma possível gravidez de suas parceiras e sobre os meios disponíveis para evitá-la são, entre outras, ameaças constantes para os meninos adolescentes.

Uma adolescente entrevistada, referindo-se à educação sexual praticada pela escola e pela família, assim se manifesta:

Acho que os pais se fecham para esse assunto. Achem que com suas famílias nunca vai acontecer nada. Não basta assustar. Isso não resolve. Tem que buscar conhecimento. A escola precisa enfrentar esse assunto começando pelos pais e de modo claro e direto (SEDUÇÃO - 17 anos).

Ao se referir à educação sexual, a entrevistada envolve os mais significativos e tradicionais agentes de educação, a família e a escola, deixando transparecer um eixo condutor para que a eficácia das ações educativas desses setores seja melhorada. Contudo, a família e a escola não têm vida *de per si*. Imbricadas que estão num contexto sócio-cultural, carregam consigo preconceitos, mitos e tabus próprios de uma sociedade patriarcal e capitalista, que dificultam e até inviabilizam as atividades educacionais voltadas para uma educação sexual que procure resgatar a sexualidade dos sujeitos, como elemento significativo da essência humana.

Há algum tempo, concordava-se em que a família e a escola tinham o mesmo nível de responsabilidade na educação sexual de crianças e jovens, sendo a escola suporte da família nessa tarefa. A família, em suas diferentes modalidades, representava o *locus* ideal para a educação sexual dos educandos. No entanto, na sociedade brasileira de hoje, isso não é mais real. Problemas econômicos juntam-se a questões sócio-culturais e cognitivas, dificultando a tarefa educativa da família. Além disso, trabalhos realizados atualmente vêm revelando que a própria escola se encontra atônita diante da problemática das intensas e paradoxais mudanças que caracterizam as questões sexuais da população brasileira.

À escola cabe mais que desenvolver ação paralela ao trabalho da família. Não basta preencher possíveis lacunas deixadas pela mistificação familiar, uma vez que a sexualidade da própria família, muitas vezes, precisa ser resgatada com a ajuda da escola. Em contrapartida, a família representa a fonte e o suporte referencial, para que a escola repense seu fazer pedagógico dentro

das reais necessidades de sua clientela. Dessa forma, escola e família subsidiam-se mutuamente.

A importância da escola como educadora da família, no que se refere à educação sexual, já havia sido constatada em pesquisa realizada com a participação de alunos do curso de Ciências da Universidade de Passo Fundo, em 1990, junto a adolescentes de quatro municípios da região de Passo Fundo. Investigando o problema da Aids, evidenciou-se que o medo do contágio pelo vírus HIV não era suficiente para prevenir a doença. Na visão dos adolescentes, a forma de prevenção mais eficaz passa pela educação da família como um todo e é subsidiada pela escola.

A escola não tem a obrigação legal de educar a família, dirão alguns, com o que se concorda; mas, entre obrigação legal e dever moral, há uma grande diferença. "A obrigação legal pode ser imposta, o dever moral sempre corresponde a uma decisão pessoal, tendo a consciência como fonte inspiradora e criadora" (BACH, 1982, p.23). Diante do exposto, cabe à escola estabelecer, por iniciativa consciente e livre, programas cooperativos com a família, cujo objetivo seja o da saudável vivência sexual de seus alunos e da população como um todo.

A escola mista, por sua vez, oferece oportunidades de convivência entre crianças e jovens de sexos diferentes, contribuindo para a afirmação da identidade sexual de homem e de mulher e para a socialização entre eles (FERREIRA, 1984). O grupo de amigos que ali se forma representa um grande depósito de dúvidas e de questionamentos e uma fonte de respostas sexuais significativas para a vivência da sexualidade de seus integrantes.

Se, por um lado, a escola se encontra surpresa e indecisa diante das características dos comportamentos sexuais de seus alunos e da sociedade em geral, por outro, ela não pode se desvencilhar da responsabilidade que a sua condição de integrante desta mesma sociedade lhe confere. Supostamente melhor preparada para abordar questões cognitivas que sirvam de suporte na construção da postura sexual mais adequada para a sociedade brasileira, cabe à escola assumir seu papel no desencadeamento dos processos de discussão e

de análise dessas questões. Mesmo com medo, não há como se encolher ou não tomar conhecimento da realidade social.

3 Considerações finais

Todas essas questões parecem indicar que às instituições responsáveis pela educação só restam duas alternativas: ou a sexualidade humana é vista como natural, ou continua sendo combatida. Se natural, é reintegrada à natureza social do ser humano, em igualdade de condições éticas com os demais sistemas da organicidade humana. Se combatida, é encarada como fonte de pecados, de problemas e de sofrimentos. Se a primeira alternativa sobrepujar a segunda, há que se promover o desenvolvimento da vontade do sujeito e de sua capacidade de selecionar entre as diferentes oportunidades que a vida lhe oferece. Nesse caso, os valores mais significativos do processo pedagógico vinculam-se aos princípios de liberdade e de responsabilidade. Assim sendo, a prática educativa caracteriza o educador como orientador e incentivador da experiência humana, como fenômeno diferenciado e complementar na existência do homem e da mulher. Isso significa acreditar no engajamento livre e responsável do sujeito no processo de sua autoconstrução.

Se a opção, porém, for pela segunda alternativa, significa reforçar as atitudes de obediência e de disciplina, embasadas nos princípios de poder e de submissão, que oferecem ao ser humano uma visão linear e fechada das questões que lhe dizem respeito, impossibilitando o confronto e a análise das diferentes posições sobre as mesmas. Nesse contexto, *educar* significa ditar e divulgar normas a serem cumpridas pelos educandos. O educador deixa de ser o incentivador da autocrítica e passa a ser o gerador de tensões no processo educativo. Controla e fiscaliza normas que a cultura, também por seu intermédio, procura perpetuar, muitas vezes frustrando-se com seu papel e nem sempre identificando as causas da sua frustração.

Assim, colocam-se as seguintes questões: entre as alternativas para a abordagem da sexualidade humana acima mencionadas, qual a opção da universidade, como agência formadora de profissionais da educação? Com base em que essa instituição tem feito a sua mirada sobre esse tema? A análise da percepção que a universidade tem das questões ligadas à sexualidade huma-

na, tanto como agência formadora de professores, como pela sua condição de elemento interveniente na forma da sua clientela se relacionar com tais questões, passa pela compreensão das relações que se estabelecem entre esta instituição e a sociedade em que se encontra. Assim, fica evidente a necessidade de que se realizem trabalhos que contemplem o desvelamento de o *quanto* a universidade se percebe integrante da comunidade da região e de *como* esta mesma comunidade recebe a sua participação em assuntos fundamentais para a vida de seus integrantes, tais como a vivência da sexualidade e todas as suas implicações nos dias atuais.

Abstract

Based on teaching experiences and on information obtained from research about human sexuality, one discusses in this work the concepts, paradoxes, phenomena, relationships and implications that appear at the sex approach as essential in human nature. This discussion is inserted in the family-school universe and allows the weaving of some pedagogical considerations which point at a possible choice of integrating relationship of those institutions as sexual education agents. Finally, human sexuality is presented as a paradigmatic phenomenon which an educator has to face and live with in his or her pedagogical practice.

Referências bibliográficas

- BACH, M. J. *Por uma nova moral*. Petrópolis: Vozes, 1982.
DURAND, G. *Sexualidade e fé*. São Paulo: Loyola, 1989.
FERREIRA, Berta W. *Adolescência, teoria e pesquisa*. Porto Alegre: Sulina, 1984.
FERNÁNDEZ, Alicia. *La sexualidad atrapada de la señorita maestra*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1992.
HAMACHET, Don E. *Encontros com o SELF*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.
LOPES, P. G. *Sexualidade humana*. Rio de Janeiro: MEDSI, 1989.
MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Barcelona: Península, 1975.
SILVA, Cenira Ribeiro. *Experiências puberais e sexualidade feminina: subsídios para a educação sexual*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1995.